

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO DE
ENTREVISTADO: IVONILDE MORRONE
ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI, VERA CATALÃO
DATA: 29/08/90

INÍCIO:

ENTREV.: HOJE, 29 DE AGOSTO DE 90, ESTAMOS AQUI COM A PROFESSORA IVO
NILDE MORRONE - PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, PARA OUVIR-LA
NO SEU DEPOIMENTO SOBRE ALFABETIZAÇÃO E OUTROS TRABALHOS, SE
ELA TIVER DESENVOLVIDO EM BRASÍLIA. ESTAMOS ENTREVISTAN-
DO: WANDA COZETTI MARINHO E VERA LESSA CATALÃO.

PROFESSORA IVONILDE, JÁ INTRODUZIMOS, MAIS OU MENOS, O QUE
É O TRABALHO E NÓS GOSTARIAMOS, PRIMEIRO PARA DADO DE REGIS-
TRO, QUE VOCÊ NOS DESSE O NOME COMPLETO, DADO DE PARENTES-
CO, O DE PRAZE, INFORMAL, NÃO É? - PROFISSÃO, LOCAL DE TRA-
BALHO, ETC. NOME COMPLETO?

RESP. : Ivonilde de Faria Morrone.

ENTREV.: DADO DE PARENTESCO?

RESP. : Nome do meu pai? (ENTREV.: É! NÃO PRECISA ESPERAR A GENTE"
ESCREVER NÃO, PODE FALAR.) Ah! João de Faria e Maria Viei-
ra de Faria.

ENTREV.: CERTO! E É CASADA? SEU MARIDO?

RESP. : Sim! Atílio Morrone.

ENTREV.: TAMBÉM TRABALHA AQUI EM BRASÍLIA?

RESP. : É! ele é comerciante.

ENTREV.: A SUA PROFISSÃO?

RESP. : Professora.

ENTREV.: SEMPRE PROFESSORA?

RESP. : Sempre professora, desde os 17 anos (RISOS).

ENTREV.: (DEPOIS NÓS VAMOS CONTAR ISSO DESDE O INÍCIO.)(RISOS). NÓS
QUERÍAMOS QUE VOCÊ RELATASSE ANTES A SUA FORMAÇÃO PROFISSIO-
NAL.

RESP. : Eu fiz, depois da escola normal, eu fiz cursos de especiali-

zação... (ENTREV.: AQUI?) - ...sempre na área de alfabeti-
zação... (ENTREV.: AQUI EM BRASÍLIA?) - ...não! eu fiz o
primeiro curso de especialização no Rio
de Janeiro e o segundo em Belo Horizonte, no antigo PA -
BAEE, aquele programa de assistência brasileira -
americana ao ensino elementar. Depois disso, eu passei um
ano nos Estados Unidos também fazendo curso de especializa-
ção e só depois... ah! fiz o suficiência, na Faculdade de
Goiânia, Faculdade de Filosofia de Goiânia e só na volta
dos Estados Unidos, é que eu fiz o curso superior de le-
tras aqui na UnB (RISOS). É um processo invertido. (ENTREV.:
INVERTIDO.) - (RISOS) Eu sou de Urutai, Estado de Goiás.

ENTREV.: E QUANDO FOI QUE COMEÇOU A EXERCER A PROFISSÃO, SEMPRE COMO
PROFESSORA? QUANDO COMEÇOU?

RESP.: Sempre como professora. Comecei com 17, não é? quer dizer,
18 incompletos, na cidade de Anápolis... (WANDA: MINHA CIDA-
DE.) - ...é! (RISOS) que beleza! na Escola Paroquial de
Santana. Era pouco mais do que uma menina (RISOS). Então,
engraçado que nós seguíamos em fila; o primeiro dia era sempre
uma missa. Então, as turmas estavam... a minha turma toda
enfilerada e uma das meninas, que era maior do que eu (RI-
SOS), me convidou para eu ficar na frente dela (RISOS). Es-
se foi o meu início.

ENTREV.: DEU AULA QUANTO TEMPO LÁ NO CURSO PRIMÁRIO?

RESP.: Eu trabalhei seis anos na Escola Paroquial de Santana, mas,
assim que eu fiz 21 anos entrei para o serviço público tam-
bém, também como professora... (ENTREV.: EM ANÁPOLES?) -

...em Anápolis: comecei sempre em alfabetização, embora eu tenha tido assim, experiência em todas as séries que eu lecionei, todas as séries do primário e lecionei também para séries do ginásio e depois escola normal, depois curso de direção e na UnB também, cheguei a lecionar.

ENTREV.: VOCÊ FEZ ALGUM CURSO EM ANÁPOLIS?

RESP. : Em Anápolis, o curso normal.

ENTREV.: O CURSO NORMAL VOCÊ FEZ NO SALEZIANO?

RESP. : Fiz no Saleziano! (RISOS)

ENTREV.: QUANDO FOI QUE VOCÊ COMEÇOU A FAZER OS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO? DEPOIS QUE VEIO PARA BRASÍLIA?

RESP. : Não! lá em Anápolis ainda. Eu fiz o primeiro curso... eu tenho que saber datas? isso é um terror para mim! (RISOS)

ENTREV.: NÃO! VOCÊ PODE IR SEGUINDO O SEU FLUXO DE LEMBRANÇAS AÍ, NÃO TEM PROBLEMA.

RESP. : Depois de uns 8 anos de trabalho... não! oito anos não, menos que isso; uns 5 anos de trabalho eu fiz o PABAEE; aliás, eu fiz o Rio de Janeiro primeiro, era o INEP, um curso no INEP, com a Professora Juraci Silveira, autora de cartilha, não é? começou grande amor pela alfabetização (RISOS). E quando eu voltei de lá, eu já estava convidada para o curso de Belo Horizonte. E na volta do curso de Belo Horizonte, eu fui supervisionar o ensino e alfabetização em Anápolis e fazer as famosas: Jornadas Pedagógicas pelo Estado de Goiás. A gente ia, eu não sei se você conheceu essa época; a gente ia naqueles rurais, não é? eram rurais que chamavam? (EN -

TREV.: ERAM! ESCOLAS RURAIS.) - Não! (ENTREV.: AH! RURAL WILLIAMS.) - Rural Williams, não é? um grupo de professoras, cada uma responsável por uma área e a gente ia treinar professores no interior do Estado de Goiás, nessas tais "jornadas pedagógicas", não é? era um trabalho insano em cada cidade, levando as idéias novas, não é? um tempo muito bom. Depois dessa época, em 60, eu vim para Brasília... (ENTREV.: O QUE QUE MOTIVOU À SUA VINDA PARA BRASÍLIA?) - ... bem, houve um concurso, que foi em todo território Nacional, não é? e o desejo, primeiro, de trabalhar fora, conhecer outro tipo de trabalho no magistério e desejo mesmo de trabalhar na capital da república, não é? (RISOS) isso era um sonho. E também o salário, que era bem diferente do salário que se pagava em Goiás. (ENTREV.:) - ih! naquele tempo o professor ganhava bem, acreditava que ganhava bem aqui no Distrito Federal, porque a comparação era: Distrito Federal x Goiás (RISOS).

ENTREV.: UMA COMPARAÇÃO DESASTROSA PARA GOIÁS. VOCÊ FEZ CONCURSO?

RESP. : Fiz concurso!

ENTREV.: E QUEM ERA... VOCÊ TEM AINDA ALGUM DOCUMENTO DESSE CONCURSO OU NÃO?

RESP. : Não!

ENTREV.: VOCÊ SABE DESCREVER ESSE CONCURSO PARA NÓS, QUEM ERA O

?

RESP. : Olha, eu me lembro... houve primeiro uma prova muito ampla em questões de múltipla escolha. Eu me lembro de uma questão até hoje que era super engraçada. Perguntava: como se chama

va o filamento que tem dentro da lâmpada elétrica. (RISOS)
 Uma das questões era essa. Isso me marcou muito, primeiro, porque eu tinha feito o PABAE e lá havia no currículo do curso uma matéria, que era: ciências na escola primária ; naquele tempo era: escola elementar. (ENTREV.: ELEMENTAR?)
 - Era! era escola elementar. E eu havia aprendido nesse curso como se chamava esse bendito filamento (RISOS). Então eu pude dar essa resposta, que me marcou profundamente até hoje. Eu nunca falei disso com crianças, mas foi um negócio que me foi cobrado numa prova de classificação para o magistério do Distrito Federal (RISOS). Ah! que graça.

ENTREV.: ALÉM DESSA...

RESP. : E você perguntou sobre a , não é? que não havia. Essa questão dessa prova, que era um calhamaço muito grande e depois uma entrevista com um psicólogo... e esse eu me lembro também, não por ele, mas porque ele era, creio, que filho daquela de Minas Gerais, que ela trabalhava naquela escola rural... (ENTREV.: HELENA ANTIPOF ?) - ...é ! exatamente; era filho dela (RISOS). Isso, me parece, que foi há 30 anos atrás, não é? havia esse psicólogo e depois nós viemos para Brasília para complementar a prova que... e aí, eu não sei que papel ela desempenhava, mas ela foi, eu acho que foi fiscal da prova, se eu não me engano, a Clélia Capanema, uma grande amiga por sinal (RISOS); grande professora, grande professora e grande amiga, Clélia. (ENTREV.: NÓS JÁ ENTREVISTAMOS A PROFESSORA CLÉLIA.) - Pois é! e depois desse... eu trabalhei um ano aqui no Distrito Federal, não é? em Brasília... (ENTREV.: EM QUE LOCAL VOCÊ TRA-

BALHOU PRIMEIRO?) - ...eu cheguei e fui para a Júlia Kubitschek, mas fiquei só três meses lá. Em seguida, eu fui para a escola 308 como vice-diretora.

ENTREV.: JÁ TIRARAM VOCÊ DA SALA DE AULA?

RESP. : Eu já fui para a vice-direção. E em seguida eu assumi a direção, porque a diretora ficou doente e eu fiquei no lugar dela como diretora.

ENTREV.: QUER DIZER QUE VOCÊ FICOU EM SALA DE AULA POUCO TEMPO?

RESP. : Pouquíssimo tempo; aqui eu fiquei pouquíssimo tempo. Eu não, praticamente, eu não trabalhei em sala de aula no Distrito Federal. Eu trabalhei sempre orientando professores.

ENTREV.: VOCÊ ACHA UM TRABALHO MELHOR, MAIS MULTIPLICADOR DO QUE VOCÊ FICAR EM SALA DE AULA?

RESP. : Olha, acho que depende do momento, não é? para o meu momento, acho que foi um trabalho que devia ser feito. Eu já havia passado pelo momento da sala de aula. E acho que foi realmente muito válido, porque eu já tinha armazenado uma série de experiências e sentia facilidade em trabalhar com os professores, não é? e acho que trabalhei também junto com as crianças, porque eu nunca saí de sala de aula, eu estive com elas na sala de aula. Eu nunca fui assim, de gabinete, não é? então, eu estive sempre com elas também. Ah, trabalhei um ano na escola, escola 308 como diretora e... aliás, era vice, não é? no ano seguinte eu fui para os Estados Unidos... (ENTREV.: PARA FAZER APERFEIÇOAMENTO?) - ...fazer aperfeiçoamento. (ENTREV.: ERA ALGUMA BOLSA?) - Era uma bol-

sa! (ENTREV.: QUAL ERA O CURSO?) - E me foi dada em decorrência do curso que eu fiz no PABAE. (ENTREV.: SEI! ENTÃO ERA UMA CONTINUIDADE, NÃO É?) - Um convite, não é?

ENTREV.: COMO QUE ERA O CURSO? EM QUE CONSISTIA?

RESP. : Era um curso dado na Universidade de Indiana e consistia em aulas normais de universidade e treinamento especial para o grupo de brasileiras. Nós éramos 14 do Brasil e tínhamos aula naquelas disciplinas que nós escolhíamos.

ENTREV.: E QUAIS ERAM?

RESP. : Bom, eu escolhi alfabetização. Quase... alfabetização, supervisão e administração.

ENTREV.: AGORA ME EXPLIQUE: COMO É QUE SE COADUNAVA COM RELAÇÃO À LÍNGUA?

RESP. : A gente falava um pouquinho inglês, não é? e depois... (ENTREV.: SIM, MAS COMO QUE ERA ORIENTADO A ALFABETIZAÇÃO NUMA LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA O PORTUGUÊS?) - ...não! porque a gente fazia didática da alfabetização, tá? então, era a didática da linguagem. E os universais linguísticos existem e podem ser esquecidos, não é? então, essa parte genérica, essa parte geral é que ganhava muito com esse treinamento.

ENTREV.: QUER DIZER, HAVIA CONDIÇÕES DE FAZER UMA APLICAÇÃO DE TODA ESSA DIDÁTICA?

RESP. : Ou, pelo menos, um questionamento, não é? porque você está fazendo uma pergunta super interessante. Naquela época, olhe que faz bastante tempo, era comum a importação de idéias e

uma adaptação muito suave dessas idéias, não é? tanto é, que antes d'eu ir no PABAE, havia assim, uma aplicação de uma metodologia americana na alfabetização, que era o Método Global de Encontros, o Método Seriado de Encontros, não é? e nessa época, havia uma influência muito grande da metodologia. Então, a metodologia era quase mais importante... (ENTREV.: SAGRADA, NÃO É?) - ...é! de que o aprendiz, não é? o enfoque principal era metodologia; não era na criança, não é? então, havia uma descoberta, não é? descobriu-se uma metodologia nova. (ENTREV.: É UMA TÉCNICA!) - É uma técnica! (RISOS) Então, naquela época, era o Método Global de Encontros. Tanto, que quando eu voltei para Brasília, eu fui trabalhar um ano na Escola Normal de Brasília dando didática da linguagem e no ano seguinte eu trabalhei como diretora da Escola de Aplicação e a minha preocupação era também esta, de implementar a técnica de alfabetização. Eu fui a primeira supervisora de ensino de Brasília na área da alfabetização" (RISOS) - (ENTREV.: DEPOIS NÃO TINHA NADA PARA DIZER, ESSA É ÓTIMA!) - (RISOS) Não! é porque eu me esqueço das coisas. (ENTREV.: MAS EU DISSE DA HORA QUE VOCÊ FOR FALANDO VAI SAINDO TUDO, VOCÊ VAI LEMBRAR DE TUDO.) - E eu sou tímida demais! (RISOS) ainda bem que as entrevistadoras são ótimas! (RISOS)

ENTREV.: E COM ISSO, VOCÊ CONSEGUIR IR RETIRANDO NA PRÁTICA ESSA APLICAÇÃO?

RESP.: Nesse trabalho, esse trabalho de supervisão foi super interessante, porque nós trouxemos a metodologia... aí já foi uma metodologia desenvolvida em Belo Horizonte por Magdala Lisboa Bacha, foi "o presente", o pré-livro, o

pré-livro dela, "o presente" e foi a primeira idéia inovadora do Distrito Federal na área da alfabetização, sabe? então, nós reuníamos as professoras, as alfabetizadoras, num cantinho que nos foi cedido da Escola Parque. E as professoras se sentavam no chão, em cima da mesa, não havia cadeira para todo mundo, nem lugar para colocar cadeira. Então, elas se sentavam lá. Era bem no início de Brasília. Isso foi quando? em sessenta e... foi antes de degenir para a Escola Normal de Brasília; foi em sessenta e... início de sessenta e um; foi em sessenta e dois ou sessenta e três; sessenta e dois, eu acho que foi isso. Então, a gente... as professoras iam à Escola Parque uma vez por semana, para nós traçarmos as linhas gerais de trabalho. Depois elas iam para as escolas e eu ficava acompanhando o trabalho delas. Eu ia de sala em sala ver como elas trabalhavam. E era um espírito tão interessante, tão integrado, sabe? assim, havia uma integração tão grande no grupo, que quando faltava uma professora, fosse onde fosse, ninguém pedia substituta, uma professora do grupo substitua aquela que havia faltado (RISOS). No Cruzeiro, qualquer lugar, sabe? nós trabalhávamos só um período e no outro elas se revezavam, substituindo umas e outras (RISOS). Foi muito interessante esse trabalho. (ENTREV.: QUANDO CRIA ESPÍRITO DE GRUPO, ESPÍRITO DE EQUIPE, O TRABALHO SE DESENVOLVE COM MUITO MAIS FACILIDADE.) - É? e naquele tempo não havia assim, essa luta necessária, mas tão forte que existe hoje por salários, não é? esse envolvimento sindical não havia ... (ENTREV.: NÃO! AQUELE TEMPO ERA UM PARAÍSO. TODO MUNDO TINHA CHEGADO PARA GANHAR UM ÓTI

MO SALÁRIO, NÃO É?) - ...é: e mesmo quando o salário ficou' pequeno, havia aquele compromisso com o magistério e as pes- soas tinham vergonha de falar em salário, não é? o salário' era uma coisa tão secundária, que as pessoas, nossa senho - ra! eles não eram dignos de um profissional de magistério " (RISOS). (ENTREV.: COITADO DO PROFESSOR!) - (RISOS) Coitado do professor. Não! e só depois que eu me aposentei, é que eu fui reivindicar salário (RISOS), porque agora eu tenho direito de reivindicar (RISOS). Ah! coisa engraçada mesmo .

ENTREV.: OS CHAMADOS: ESPÍRITO DE CORPO .

E QUANDO É QUE VOCÊ COMEÇOU A CRIAR SEU PRÓPRIO MÉTODO? IS- SO AINDA ERA COM OS MÉTODOS EXISTENTES.

RESP. : Era! com os métodos existentes. Depois eu fui para a super- visão de ensino, na gestão da Ana Bernardes; o Secretário' da Educação era o Dr. Ivan, Ivan o quê? (ENTREV.: NÃO SEI NÃO!) - Não sabe não? acho que era Ivan Luz. (ENTREV.: TEM UM IVAN LUZ NA HISTÓRIA, PODE SER ESSE.) - É! exato! era ele sim. E então, nós... havia a invasão do IAPI, sabe? vo- cê se lembra da invasão do IAPI? infinitamente pobre, mas assim e as escolas infinitamente sem pedagogia e as profes- soras assim, tão... a escola era escura e as professoras es- tavam sem luz também, sabe? elas não sabiam o que fazer. Não que elas fossem desinteressadas, não que elas não desejas - sem fazer com que as crianças aprendessem, elas simples - mente não sabiam o que fazer, sabe? então, quando eu come - cei a entrar naquelas salas, sempre visitando, aí nós já era mos uma equipe, era a equipe de comunicação e expressão e

de linguagem criada, não é? e nós saímos e sempre nos nos-
sos carros, no meu carro, não é? não havia, geralmente não
havia condução, mas ninguém nunca questionava isso; eu ti-
nha, nessa época, eu tinha um fusquinha verde e nós andáva-
mos nesse fusquinha pelo Distrito Federal inteiro, sala por sala .
Acho que naquele tempo que eu era supervisora, não havia
uma única sala de aula que a minha equipe não conhecesse ;
sala de aula de alfabetização. Embora nós fôssemos responsá-
veis até a quinta série, nós concentrávamos nossas energias
na alfabetização, não é? então, entrando lá na invasão do
IAPI nós percebemos isso. E eu comecei a ver, eu pedi à uma
professora, que me mostrasse como é que ela trabalhava. E
ela passou o texto da cartilha, ela estava com as frases ,
algumas frases da cartilha e ela escreveu as frases no qua-
dro. E estava com uma vara, que servia como um apontador ,
não era para bater nas crianças não; isso eu nunca vi. Mas
ela usava aquilo, para fazer as crianças lerem as frases. E
ela passava aquilo lá e as crianças repetiam. Então, eu pe-
di a ela, eu fiz uma pergunta às crianças, inclusive tinha uma coi-
sa de arca ou tear, uma coisa assim, sabe? eu pedi que as crian-
ças mostrassem aquela palavra para mim e ninguém sabia. To-
dos sabiam de cor aquilo que estava lá. (ENTREV.: ERA O MÉ-
TODO GLOBAL, NÃO É?) - Não! não era o Método Global, era mé-
todo silábico, mas ela estava trabalhando, havia lá umas
frases e ela colocava essas frases lá na lousa, no quadro e
as crianças não sabiam nada do que estavam repetindo. E ela
não se dava conta de que as crianças não estavam lendo, sa-
be? então, quando eu saí de lá, eu saí com a idéia de que

alguma coisa devia ser feita, ainda em termos de metodologia, porque naquela época, eu ainda pensava que a metodologia, porque naquela época, eu ainda pensava que a metodologia... que uma excelente metodologia seria capaz de resolver o problema do alfabetizando, se ele, se o professor tivesse uma pequena orientação. E então, eu saí de lá e comecei a fazer o Ataliba, que era um método que eu chamava eclético. Agora, já era um eclético numa situação um pouco diferente. Não era só mistura de métodos, não! naquela época era assim, era só mistura de métodos. Eu queria misturar mesmo, (RISOS) eu queria aproveitar o que havia de melhor em cada técnica, em cada metodologia. Então, tinha o Ataliba que começava com frase, mas a frase era só um pretexto, era só uma... a frase era só uma auto-identificação do personagem. Ele dizia: Eu me chamo Ataliba; os pais do Ataliba também se apresentavam: Eu sou o papai, eu sou a mamãe; a irmã dele era Nina, então ela dizia: Eu me chamo Nina; e as crianças usavam aquelas frases para se apresentarem também. Em seguida a palavra "Ataliba", era usada para a introdução das sílabas. Então, era: a sílaba "A", sílaba "TA", sílaba "LI" e a sílaba "BA". E toda sílaba formada de uma consoante e uma vogal, a vogal que já era introduzida, ia substituir a vogal que já aparecia na outra sílaba. Por exemplo, apareceu: "TA" e "LI", o "I" substituiu o "A" e o "A" substituiu o "I", entendeu? então, a criança aprendia: "LI e LÁ", "TÁ e TI", entendeu? então, essa metodologia, foi a primeira vez que as crianças trabalharam com essa metodologia, essa substituição, não é? elas começaram a trabalhar com sílabas, a coisa ficou mais concreta e as professoras aprenderam de

pressa a aplicar a metodologia. Então, houve essa vantagem, esse ponto positivo, não é? elas aprenderam logo aplicar metodologia e os resultados começaram a aparecer, os meninos começaram a se alfabetizar. Tanto assim que, na área de comunicação e expressão, como um todo, as crianças começaram a descobrir que elas eram capazes de escrever; e isso nas outras séries também, não é? então, elas usavam as poças de lama da invasão do IAPI se transformarem em poemas, na visão da criança, não é? porque um dia elas saíram e quando foram passar pela poça d'água, elas viram uma borboleta amarela. Então, elas converteram aquilo num poema. E desde o momento que a professora conseguiu captar aquele momento poético, então as crianças se despertaram e começaram a ver poesia, ainda na invasão do IAPI. E começou, nessa época, começou uma efervescência metodológica de dinâmica de alfabetização em todas as áreas. As equipes da supervisão de ensino eram muito dedicadas, não é? eu acho que vocês já andaram entrevistando o resto do pessoal, não é? de matemática, de estudos sociais, ciências... (ENTREV.: MATEMÁTICA, NÓS OUVIMOS A OLINDA.) - ...Olinda! pois é, Olinda é dessa época. (ENTREV.: EXCELENTE!) - Nossa! foi um negócio... (ENTREV.: EXCELENTE, PORQUE ELA TEM UMA VISÃO AMPLA, NÃO É? PÔXA! INTRODUIZIR A MATEMÁTICA JUNTO COM A ALFABETIZAÇÃO, É UMA COISA MUITO AMPLA, NÃO É?) - ...é! nós trabalhamos juntas naquela época e criamos naquela época também, nós criamos escolas de demonstração, em todos os pontos estratégicos do Distrito Federal. Nós tínhamos uma escola experimental... aliás, não era só de alfabetização, uma escola expe

rimental na 305 sul, tínhamos uma escola experimental no Gama, tínhamos duas escolas em Taguatinga e se eu não me engano, uma no Sobradinho. (ENTREV.: QUE BELEZA!) - É! e a gente fazia assim, nossa senhora! nós fazíamos verdadeiros shows de demonstração de técnicas, sabe? em todas as áreas: Estudos Sociais, Ciências, Matemática e Comunicação e Expressão. E os professores das escolas vizinhas, iam para essas escolas para observarem aquilo que a gente fazia. Agora, você veja isso, nos idos de quê? de 63, 64, por aí.

ENTREV.: E ENTÃO... E O RESULTADO ERA MARAVILHOSO?

RESP. : Foi, foi extraordinário; as crianças compuseram, na minha área de comunicação e expressão, não é? elas chegaram a compor e a Professora Ana Bernardes trabalhou muito para que esse material fosse publicado, mas ela não conseguiu. Elas fizeram dois livros de estórias. Os professores não eram habituados com a redação de textos pelas crianças; conseguiram isso; foi um verdadeiro milagre, não é? de repente começaram a surgir redações da primeira série, na segunda, na terceira, na quarta, na quinta, não é? então, foi um astral assim, super elevado nessa área.

ENTREV.: OS LIVROS FORAM FEITOS PELAS CRIANÇAS?

RESP. : Foi! e coletadas, as estórias foram coletadas para serem publicadas. Depois, mais tarde, houve uma publicação, mas eu não sei se foram esses os textos. Eu sei que há, há 2 livros, há livros impressos com estórias redigidas pelas crianças. Não sei se foram essas estórias, porque depois eu saí, não é?

ENTREV.: VOCÊ SABE O NOME? VOCÊ SABE O TÍTULO?

RESP. : Não! não sei.

ENTREV.: AH! ESSAS COISAS SÃO DIFÍCEIS DE LOCALIZAR DEPOIS, SÓ SE ALGUÉM GUARDA.

RESP. : É! mas eu acho que tem lá na central, tem esses livros. (ENTREV.: NO NUD - NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO?) - Não! lá na central, em frente à UnB, lá na Fundação Educacional, perto da biblioteca... (ENTREV.: NO NUD.) - ...NUD, não é? (ENTREV.: VOU VER SE ENCONTRAMOS, CONTINUANDO.) - Deixa eu ver o que eu tenho para contar (RISOS) - (ENTREV.: ESSA FOI UMA ETAPA, A PRIMEIRA, NÃO É? QUE VOCÊ JÁ PARTIU PARA UMA...) - É! Não! essa foi a segunda, não é? que já começou de criação. Aí, depois... deixe-me ver o que é que aconteceu. Bem, aí eu comeci a trabalhar em pesquisa. Aí, começou uma outra etapa na minha vida profissional. Aí, eu já não queria saber só sobre metodologia de alfabetização. Aí, eu queria conhecer tudo o que se relacionava com alfabetização. E quando eu fala: "EU", não sou eu sozinha, eu sempre trabalhei em equipe, tá? então, foi criado um grupo de pesquisa, para justamente conhecer as variáveis que interferiam na alfabetização. Nesse primeiro grupo, estavam: o Professor Vicente Pereira de Sousa e Celiane Curato Carvalho. (ENTREV.: CURATO DE CARVALHO OU CURATIANO?) - (ENTREV.: NÃO! PORQUE QUANDO FALA "CURATO" É "CURATIANO" "RISOS" - NÃO: ERA NÃO?) - Não! Celiane Curato... acho que é Carvalho. (ENTREV.: CARVALHO?) - É! então, nós começamos a pesquisar o alfabetizador, a família, o sistema de ensi -

no, Fundação Educacional, essa coisa toda. E, sobretudo, o alfabetizando. E nós trabalhamos juntos uns dois ou três anos, depois o grupo se dissolveu. Aí, eu formei com outras pessoas, um novo grupo para continuar essas pesquisas. E é esse grupo que você ficou conhecendo o resultado do trabalho, sabe? (ENTREV.: SEI!) - Essa projeto ABC, eu trabalhei com a Gessilda Padilha, psicóloga, o Professor Luiz Pascoale, que é também psicólogo e é especialista em pesquisa educacional; e o Professor Serafine, que era do primeiro grupo, também continuou com um dos projetos. Então, nós começamos, tentando levantar o perfil do aluno que se alfabetiza. Nós achávamos que era necessário conhecer o ponto de chegada da criança. E esse trabalho foi bastante importante, bastante interessante para a época, sabe? nós aplicamos todos os testes... (ENTREV.: ESSE TRABALHO JÁ FEZ NA DÉCADA DE 70?) - ...é! já foi, esse aí começou em 79, 78 e nós só terminamos o trabalho de pesquisa em 1983... em 82. (ENTREV.: 82?) - É!...

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA I, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA IVONILDE MORRONE.

.BSB / 04.06.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.